

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

DISPERSÃO

ISBN 978-3-95421-160-9
2020
minifanal
© Dirk Friedrich
Dorfstr. 57a, D-53125 Bonn
www.minifanal.de

Capa desenhada por José Pacheco, 1913

ÍNDICE

Partida.....	9
Escavação.....	15
Inter-sonho.....	19
Álcool.....	23
Vontade de dormir.....	27
Dispersão.....	31
Estátua falsa.....	39
Quase.....	43
Como eu não possuo.....	47
Além-tédio.....	53
Rodopio.....	57
A Queda.....	63

DISPERSÃO—12 POE-
SIAS POR MARIO DE
SÁ-CARNEIRO.



EM CASA DO AUTOR:
1, TRAVESSA DO CAR-
MO—LISBOA 1914

I - Partida

PARTIDA



Ao ver escoar-se a vida humanamente
Em suas águas certas, eu hesito,
E detenho-me às vezes na torrente
Das coisas geniais em que medito.

Afronta-me um desejo de fugir
Ao mistério que é meu e me seduz.
Mas logo me triunfo. A sua luz
Não ha muitos que a saibam reflectir.

A minh'alma nostálgica de além,
Cheia de orgulho, ensombra-se entretanto,
Aos meus olhos ungidos sobe um pranto
Que tenho a força de sumir também.

Porque eu reajo. A vida, a natureza,
Que são para o artista? Coisa alguma.
O que devemos é saltar na bruma,
Correr no azul à busca da beleza.

É subir, é subir além dos ceus
Que as nossas almas só acumularam,
E prostrados rezar, em sonho, ao Deus
Que as nossas mãos de auréola lá douraram.

É partir sem temor contra a montanha
Cingidos de quimera e d'irreal;
Brandir a espada fulva e medieval,
A cada hora acastelando em Espanha.

É suscitar cores endoidecidas,
Ser garra imperial enclavinhada,
E numa extrema-unção d'alma ampliada,
Viajar outros sentidos, outras vidas.

Ser coluna de fumo, astro perdido,
Forçar os turbilhões aladamente,
Ser ramo de palmeira, água nascente
E arco de ouro e chama distendido...

Asa longínqua a sacudir loucura,
 Nuvem precoce de subtil vapor,
 Ânsia revolta de mistério e olor,
 Sombra, vertigem, ascensão – Altura!

E eu dou-me todo neste fim de tarde
 À espira aérea que me eleva aos cumes.
 Doido de esfinges o horizonte arde,
 Mas fico ileso entre clarões e gumes!...

Miragem roxa de nimbado encanto –
 Sinto os meus olhos a volver-se em espaço!
 Alastro, venço, chego e ultrapasso;
 Sou labirinto, sou licorne e acanto.

Sei a Distancia, compreendo o Ar;
 Sou chuva de ouro e sou espasmo de luz;
 Sou taça de cristal lançada ao mar,
 Diadema e timbre, elmo real e cruz...

.....

O bando das quimeras longe assoma...
 Que apoteose imensa pelos céus!
 A cor já não é cor – é som e aroma!
 Vem-me saudades de ter sido Deus....

*

* *

Ao triunfo maior, avante pois!
O meu destino é outro – é alto e é raro.
Únicamente custa muito caro:
A tristeza de nunca sermos dois...

Paris – fevereiro de 1913.

II - Escavação

ESCAVAÇÃO



NUMA ânsia de ter alguma coisa,
Divago por mim mesmo a procurar,
Desço-me todo, em vão, sem nada achar,
E a minh'alma perdida não repousa.

Nada tendo, decido-me a criar:
Brando a espada: sou luz harmoniosa
E chama genial que tudo ousa
Unicamente à força de sonhar...

Mas a vitória fulva esvai-se logo...
E cinzas, cinzas só, em vez do fogo...
- Onde existo que não existo em mim?

.....
.....

Um cemitério falso sem ossadas,
Noites d'amor sem bocas esmagadas -
Tudo outro espasmo que princípio ou fim...

Paris 1913 - maio 3.

III - Inter-sonho

INTER-SONHO



NUMA incerta, melodia
Toda a minh'alma se esconde.
Reminiscências de Aonde
Perturbam-me em nostalgia...

Manhã d'armas! Manhã d'armas!
Romaria! Romaria!

.....

Tacteo... dobro... resvalo...

.....

Princesas de fantasia
Desencantam-se das flores...

.....

Que pesadelo tão bom...

.....

Pressinto um grande intervalo,
Deliro todas as cores,
Vivo em roxo e morro em som...

Paris 1913 – maio 6.